

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Atualização do Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2015-2020)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – SOUZA, Aline Moura de Melo; CIAMPA, Antonio Costa. “Devemos continuar?” Identidade, história e utopia do educador de rua. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v.29, p.1-11, dez. 2017.

2) Resumo e Palavras-Chave – O propósito deste trabalho foi refletir como os educadores de rua articulam o pensamento utópico com o pensamento histórico, a partir dos relatos de suas experiências ao longo de quinze anos. O sintagma *identidade metamorfose- emancipação* (Ciampa, 2003) e os conceitos de pensamento utópico e pensamento histórico (Habermas, 1987) formam o arcabouço teórico que embasa a presente pesquisa. Utilizamos na coleta de dados a entrevista “não diretiva centrada” (Minayo, 1999). Observou-se que é possível articular história e utopia. O estudo indica que, para que essa articulação seja possível, é necessário que o sujeito tenha a flexibilidade de reinventar seus projetos utópicos, mudando assim de projeto emancipatório, mas não perdendo de vista a energia utópica que o move. Concluímos, também, que os profissionais que articularam os dois movimentos tendem a apresentar uma postura pós-convencional diante da vida.

Palavras-Chave: identidade; meninos de rua; educação social; vulnerabilidade social.

3) Objetivo do estudo - O objetivo central deste trabalho é compreender como os educadores de rua articularam o pensamento utópico, constituído no começo de seu trabalho no Projeto Axé, com o pensamento histórico construído ao longo de uma prática de vários anos, de tal modo a compreender também o sentido emancipatório ou não do processo de metamorfose de suas identidades.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Entrevista não estruturada, classificada como “não diretiva centrada” ou “entrevista focalizada” que é aquela “onde se aprofunda a conversa sobre determinado tema sem prévio roteiro” (Minayo, 1999, p. 108). Optamos também por trabalhar com histórias de vida, uma vez que através da história de vida do sujeito podemos compreender seu processo de socialização, suas opções de vida, suas contradições, suas idiossincrasias, seu contexto social, histórico e cultural. Foram realizadas três entrevistas em profundidade com três participantes. A seleção dos participantes foi norteadada pela busca de educadores que entraram em diferentes épocas no Projeto

e constituíam vozes de lugares diferentes, uma da coordenação, outra que já havia se desligado do Projeto e outra que ainda permanece no Projeto, mas nunca saiu do papel de educadora de rua.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Utilizamos como fundamentação teórica: o sintagma *identidade como metamorfose* em busca da *emancipação* desenvolvido por Ciampa (2003); os conceitos de pensamento utópico e pensamento histórico pensados por Habermas (1987).

8) Resultados / dados produzidos – Entendemos que a articulação entre pensamento histórico e pensamento utópico torna possível que o indivíduo vá adequando o seu projeto de vida, buscando garantir um sentido emancipatório para o processo de metamorfose que constitui sua identidade. Esta adequação previne contra um utopismo ingênuo e deslumbrado, incapaz de crítica do processo histórico da sociedade; por outro lado, tal adequação impede que um ceticismo imobilista elimine toda e qualquer energia utópica, a pretexto de permanecer numa crítica radicalizada que se torna de fato paralisante. Em síntese, essa articulação pressupõe uma adequação na perspectiva pós-metafísica, de tal modo que se possa argumentar racionalmente a validade e a factibilidade de projetos, evitando retornar ao utopismo religioso que de fato elimina o debate argumentativo por se apoiar no dogma. Sendo assim, observamos que existe um fértil campo de estudos em que se pode refletir sobre processos identitários, que impedem a articulação de utopia e história pessoal, tais como a mesmice, a cristalização da identidade, a reposição. Todos esses temas podem ser pensados com o pensamento histórico e o pensamento utópico como forma de contribuição à teoria da identidade.

9) Recomendações – Observa-se que quem carrega a energia utópica dentro de si e quer vê-la tornar-se realidade tem que acompanhar o passo da história e reinventar sua utopia mudando de projeto, mas mantendo o pensamento utópico. Metamorfoseando-se, emancipando-se, tornando-se um sujeito pós-convencional. Tentando, num universo que domina a lógica sistêmica, não abandonar o sentido emancipatório de suas escolhas.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.